

Nossa Sevirologia



Diante do desafio de escrever sobre o que fazemos, nos damos conta mais uma vez de como é difícil falar sobre nós mesmos. Mas, já que o desafio está posto, **Sevirólogo** que é Sevirólogo tem apenas uma alternativa: se virar.

Assim, iniciamos esse texto-conversa trazendo os princípios que norteiam aquilo que chamamos de **Sevirologia**. Um processo que vem se ampliando num movimento, e nos ajuda a definir o que a nossa experiência de trabalho com os jovens da Eletrocooperativa suscitou. Ser Sevirólogo é ser cada vez mais quem você é, encontrando sua sabedoria para fazer o melhor que você pode com o que você tem. Quando “nos viramos” munidos dos meios de produção, mudamos de perspectiva e passamos a acreditar no que somos capazes de fazer. É dentro dessa visão que consideramos a Sevirologia como sendo composta de dois aspectos que andam juntos: o **auto (estímulo) didatismo** e o **alter (ambiência/rede) didatismo**, já que o Sevirólogo é aquele que aprende por si só, mas também junto com os outros.

O alterdidatismo remete ao sentido de aprender “com o outro” (que podem ser outras pessoas e culturas/realidades, ou outras facetas e visões para as quais nos abrimos por meio de experiências próprias, individuais ou coletivas), e é o resultado concreto de um processo em desenvolvimento há quase sete anos na **Eletrocooperativa**, por onde buscamos entender uma forma a partir da qual podem ser construídos e re-constituídos novos e antigos processos de aprendizagem, convivência e criação, fundamentados no princípio de que “uma ação vale mais do que mil palavras”, no contato direto do aprendiz com o objeto da aprendizagem.



Desta forma, o **alterdidatismo** associado ao **autodidatismo** – esse constituidor de seres autônomos, mas integrados à sua coletividade – convertem-se, assim, em um religar da sociedade digital (multifacetada e aberta a uma nova possibilidade de conexão a todo instante) com os princípios e valores fundamentais para a convivência humana, ao mesmo tempo uma característica do homem social e cultural e, mais do que um direito, uma necessidade humana fundamental. Chegamos ao questionamento do processo convencional de aprendizagem em sua totalidade, o que nos impulsiona a sonhar com a **"Digital Comunity Schooling"** (Escola

Comunitária Digital), onde teríamos a escola do século XXI, que nos ensinaria a verdadeira globalização, que não deve ser apenas econômica, mas acima de tudo sociocultural sem a perda da diversidade. É momento de dar início a um novo processo de educação.

Auto e alterdidatismo, juntos, são dinâmicas que necessariamente inserem a **Ética** e a **Estética** em sua prática, uma vez que baseiam-se na reciprocidade (dar e receber). E é só a partir da reciprocidade que é possível criar redes que de fato se sustentem, criando uma vida sustentável. Vale aqui trazer a metáfora que Lia Diskin usa para falar da Ética: *“A Ética, como a Estética, é como o exercitar de uma musculatura: um processo diário. São o compasso e o ritmo de uma música, que juntos permitem que o silêncio nos mostre os movimentos seguintes.”* É, portanto, apenas na ação, na dinâmica, que podemos nos encontrar com os valores que sustentam o homem.

Nesse sentido, quanto menos se ensina, mais se aprende. Por isso, concebemos a **Sevirologia** como o **“aprender sendo”**. Aprender a ser cada vez mais quem você é. É propriamente o dar e receber – alicerces do convívio de uma sociedade – que nos conectam e re-conectam constantemente aos valores fundantes da humanidade: a reciprocidade que sustenta o exercício constante da Ética e da Estética.

Nessas andanças, aprendemos que a essência do homem é **Criar** e não produzir. Na era das redes, onde os encontros voltaram a ser possíveis, chegou a hora de re-aprendermos a conviver e aprender com o outro.

Com esse nível de subjetividade exposta na essência da **“busca do sentido”** passa-se a sentir a vida e sentir-se vivo. Nossas viagens individuais e coletivas começam com a re-significação do uso da máquina, desenvolvendo nos seres humanos potencialidades com as quais eles possam se *des-programar*, passando a operar as máquinas para funções como: aprender com o outro, compartilhar os saberes apreendidos, os desejos e os destinos. Usar coletivamente para construir riqueza por meio de equipamento projetado para consumo ou uso pessoal.

No caso da Eletrocooperativa, inicialmente, o computador foi transformado em instrumento musical. Em seguida, transmutou-se em estúdio de rádio, ilha de edição audiovisual e, finalmente, em prancheta de *designers*. Nesse processo, devíamos buscar nossas sensações e nosso sentimento no uso da máquina, explorando todas as formas possíveis de criação, independente de software, hardware, método ou técnicas de computação. Isso dá origem ao nosso fluxo criativo que consiste em **desconstruir formas, encontrar sentido e propor novas formas**.

O homem, no decorrer de sua história, sempre inventou instrumentos que fossem uma “extensão de si” e com os quais pudesse marcar e interagir com o mundo racionalmente e sensivelmente. O computador como instrumento musical resgata a mesma intenção. Como falamos, o homem é, por natureza, um ser criativo. A criação é a possibilidade que o homem sempre encontrou de conectar seu mundo interior (subjetividade) ao mundo exterior, onde vive. Ao dar forma a algo, ao captar imagens, ou em sua relação com o fluxo de imagens e metáforas internas e externas as quais se conecta, o homem encontra caminhos de agenciamento de sua própria vida. Sua expressão, assim, é depoimento sobre suas vivências e sobre o sentido do ser e do viver. Sem criar, o homem não consegue entender porque aqui está, na vida. **Sem criar ele**

perde o sentido do viver. Não encontra significado para sua existência. A criação é, portanto, afirmação da potência de vida. É meio de expressão e de harmonização com nossa força vital.

Se não há ação, não posso perceber. Se não percebo, não vejo. Se não vejo o mundo, não vejo a mim mesmo e nem o outro. Não troco, não crio relações. E assim, estou condenado a um lugar de imobilidade, estático porque permanente, que é justamente o oposto do Princípio da Vida, onde tudo é, por essência, não permanente. Deste lugar é impossível encontrar novas perspectivas para criar o mundo e o futuro. É impossível “se virar” para novas possibilidades.

Utilizando a **ação prática** na formação dos jovens e a interlocução da criação com a sociedade por meio de valores, a nossa **Sevirologia** encontra na expressão artística (vídeos, músicas, rádio, produção de imagens...) o caminho para a **re-conexão do ser humano com o sensível, com o prazer, e assim, com a possibilidade de construção de novos olhares para o mundo e novos significados no viver.**

Nós acreditamos que o sentido maior da existência está em sermos felizes, saudáveis, livres e educados. Para alcançar essas qualidades é preciso sair do sistema atual, reinventar o ser humano para atingir essa ambiciosa meta antes que as flechas da destruição da humanidade atinjam o alvo. Nesse sentido precisamos trabalhar a noção tão fundamental do **Cuidado** como essência do ser humano (do verbo cuidar, ou “take care” em inglês, e na acepção tão ampla como colocada, p.ex., na Carta da Terra, lida por Leonardo Boff no III Fórum Social Mundial em 2003: **“O cuidado permite que a vida sobreviva, desabroche a inteligência, que venha à tona a palavra, que se exercite a criatividade. Então cuidado é aquela base fundamental, sem a qual a vida não se desenvolve.”**)

A prática nos mostrou que a ameaça de sobrevivência na Terra é consequência da poluição cultural a que o ser humano está submetido desde a concepção do mundo moderno. Inventar o ser humano do século XXI, portanto, implica na reconquista de valores fundamentais às sociedades ante e/ou extra-modernas, ou não-européias, deixadas de lado na modernidade. A partir de então, a natureza tornou-se mero meio para o suprimento de materiais e energia para a produção, as sociedades foram reduzidas a locais de consumo (e desperdícios dos mais variados), a economia transformou-se em mero território de negócios e o ser humano foi reduzido como mão-de-obra, exercendo seus papéis ora como consumidor, ora como mera mercadoria.

A Sevirologia enfoca e enfatiza, primordialmente, o **repensar e o re-fundar valores éticos fundamentais**, e que por isso mesmo continuam os mesmos desde a Antiguidade e nas mais diversas “civilizações”, sendo passíveis mais de re-significados do que de alterações fundamentais (pois, se assim fosse, não seriam tão fundamentais, nem sustentáveis ao longo do tempo, e sim simplesmente descartáveis ou mutáveis ao sabor das diferentes re-interpretações e interesses). Não é possível insistir numa sociedade nova construída somente a partir e com o advento do homem industrial. Como disse o Divino Mestre: *não se deita vinhos novos em barris velhos.*

O curioso disso tudo é que na Eletrocooperativa nada veio planejado ou posto. Apenas houve a fagulha inicial do computador como instrumento musical e **tudo foi aprendido com o**

outro pelo compartilhamento, o que foi se consolidando pouco a pouco, *tijolo por tijolo* no desenho lógico da **construção coletiva em torno de um propósito: uma nova perspectiva para a juventude** – um contingente de mais de 50 milhões de brasileiros, postos à margem do desenvolvimento. E assim, caminhamos cumprindo a missão de transformar o **computador pessoal** em **computador coletivo**.

Outro aspecto interessante do processo é que a Sevirologia foi sempre centrada em **quatro elementos** – formação, criação, difusão e sustentabilidade, tendo como fundamento **“fazer o melhor que se pode com o que se tem”**, portanto ela nunca se concretiza sem uma ação prática. Dizemos carinhosamente que é uma possibilidade da **junção dos “porquês” com os “para quês”**. Também nos demos conta disso no próprio processo vivenciado, quando descobrimos que, em geral, nas metodologias de aprendizagem e/ou de ação nas quais estivemos envolvidos, a prática utilizada busca sempre dissociar os “porquês” dos “para quês” gerando com isso graves problemas de sentido, e culminando na descoberta de que diversas vidas são vividas pela metade e, muitas vezes, nem esse patamar é alcançado. O caso mais clássico é a separação entre a vida pessoal e a vida profissional – eu profissional x eu cidadão – como se fosse possível dissociar a intencionalidade dos meus atos no dia-dia, gerando uma crise interna muito grande de valores.



Como se trabalha a criação do que não existe? Aprendemos que isso só se dá buscando a criação “do novo”, juntos, inventando e realizando o futuro e não só planejando-o; questionando todo o *status-quo* e acreditando cada dia mais em possibilidades e, cada dia menos na falácia da solução. A quebra de padrões carrega em si a luz da revolução, da transformação. Quebrar com os padrões nos levará à possibilidade de encontro com novas visões de mundo, e novas formas de estar e agir no mundo (que estão diretamente relacionados ao reconhecimento e re-conexão do homem com sua potência criativa).

A ciência nos deu métodos genuínos e estruturantes que passaram a ser esquecidos diante do 'homem máquina' (era da ciência dura/"exata", da engenharia e da tecnologia), o qual fez crer que a única coisa válida é a solução e suas métricas que "legitimam" a sua eficácia na

aplicação real e utilitária. O que consegue ser medido, consegue ser feito. Isso nos instiga ainda mais a gritar: Como se mede sentimento? Como se mede aprendizagem individual? Como se mede evolução? E, de novo, caímos na crise da subjetividade e das “incertezas” (consideradas até aqui sempre menores ou menos valiosas do que as “certezas”), e com isso inaugura-se a era do ser humano do século XXI : ser deprimido, consumido pela falta de significado e de significante.

Nossa saída foi provocar positivamente o universo, testando e buscando.

Nada tão distante do que conhecemos como processo empírico.

Voltando aos quatro elementos, centramos o nosso processo em ***educar, criar, difundir e sustentar-se***. Educar como processo contínuo de estimular a busca da aprendizagem com ambiência – aprender a aprender e depois aprender a fazer, aprender a interagir em rede e aprender a sustentar-se. Na Eletrocooperativa, regularmente, ocorrem às segundas-feiras as palestras – recheadas de leitura de poemas, exibição de vídeos e execução de músicas, seguidas de debates – estímulos éticos e estéticos. Entre terça e quarta-feira a criação dá o tom, concebendo letras e músicas, roteiros e cenas para o programa de rádio e o vídeo. Ainda na quarta-feira, ocorrem as gravações, e quinta e sexta feiras são os dias destinados à *edição e finalização das criações*. Desse processo em desenvolvimento chegamos à formulação do ***ser integral*** (o Sevirólogo) em suas quatro dimensões: ***o Ser Político, o Ser Ambiental, o Ser Cultural e o Ser Econômico***:



Ser Político: centrado em valores fundamentais da vida e trazendo a importância da consciência, visto que estamos vendo o uso cada dia maior da ciência sem consciência. Como valores: Generosidade, Coragem, Gratidão, Flexibilidade, Prazer em Servir, Coletividade, Ser Digital, Alegria, Espiritualidade;

Ser Ambiental: ser de relações ecológicas e ser social, relação com a divindade natural e de instrumentalização na relação com o outro. Aquele que resolve um problema sem criar outro, consciente de que vivemos em cadeia, em um Eco-sistema ou sistema de Eco;

Ser Cultural: ser que se inicia como patrimônio cultural, carregado de significado, simbologia e matriz cultural. Aquele que constrói a vida em uma comunidade, instiga o conforto da alma humana e trabalha em busca do refinamento dos indivíduos. Ser criador de evolução;

Ser Econômico: aquele que se sustenta com o que é e com o que sabe fazer. Aquele que aprende a estabelecer uma relação de troca positiva com a sociedade e se concretiza como a dimensão mais prática, entre as outras três. O ser econômico é, sem dúvida, uma reinvenção do significado de economia ou até do re-encontro com o seu verdadeiro significado: *Cuidar da Casa*. Essa parte do todo é a que facilita o entendimento do “para quê”, tangibiliza as relações e também re-significa esse ser econômico como sujeito de relações de trocas positivas com o meio em que vive, quebrando inclusive a relação maniqueísta com o outro. Nesse contexto buscamos nos conectar com a era da abundância, visto que o conhecimento como meio de produção deve e é trabalhado na sua máxima capacidade de "elasticidade" e multiplicação sem divisão.

Estamos diante de uma grande possibilidade de nos re-encontrarmos como sociedade/comunidade graças à internet. Podemos, assim, nos reencontrar como uma única tribo, a humana. E por que não re-encontrarmos esse sentido de convivência? Visto que o espaço hoje é a rede, por que aprender em um lugar que me limita e não no lugar que me instiga e me potencializa apropriando-me do que é meu? Alter-didatismo é isso, aprender com o outro em rede e buscar sempre a construção de possibilidades e fluxos evolutivos. Aprender a lidar com a falta, pois somos apenas vetores de possibilidades. Solução é uma invenção dos extremamente convictos que fizeram o que fizeram na nossa humanidade. Como diz o ditado popular: *“receita para a vida dos outros todo mundo tem”*, não é mesmo? Não existe paz estática. O homem caminha do equilíbrio ao desequilíbrio constantemente. É uma necessidade vital, assim como ocorre na Natureza e em qualquer sistema. Nesse sentido o espaço do caos seria o espaço das possibilidades, do alimento criativo. Precisamos de boas perguntas e não de respostas prontas.

O Sevirólogo se vira para vir-a-ser e para servir a si e aos demais em uma relação do servir-se com o servir e o poder ser servido por outros/as. Com essa expansão de sentidos e sensações inspiradoras de toda a Sevirologia, podemos constatar que um dos papéis principais do Sevirólogo é o de ***"agir" para aumentar as suas potencialidades***, trabalhando coletivamente para criar com sonhos e realidades os futuros desejáveis. E, como no velho ditado:

“Sem saber que era impossível, ele foi lá e fez!”

Jean Cocteau - ator, romancista e dramaturgo francês